

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesse

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## Prisioneiros portugueses da G. Guerra

na Batalha de La Lys

Nem só a memória dos mortos da Grande Guerra deve merecer a nossa consideração com o maior e o mais profundo respeito. Os prisioneiros, pelo muito que sofreram, inclusive as necessidades tremendas porque passaram, entre as quais avulsa e sobressai a fome, têm jus, também, ao respeito e admiração de todos aqueles a quem o destino poupou semelhantes provações e, até, vexames de toda a ordem. Não só as penosas e cruciantes caminhadas desde a saída da Flandres, como pelos diversos campos por onde transitaram até ao campo de Bressen, onde os foi encontrar o almejado dia do armistício, os pobres prisioneiros, sofreram martírios sem fim e vexames sem conta. Mão amiga que sabe o quanto tenho feito pela memória dos mortos da Grande Guerra, cedeu-me, gentilmente, o livro «Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg» do Ex.º coronel Alexandre Malheiro, que foi 2.º comandante da 6.ª Brigada de Infantaria e que, no dia 9 de Abril foi, como todos os oficiais do Quartel General da Brigada, feito prisioneiro, no mais aceso da Batalha de La Lys. Chama o autor «Notas dum prisioneiro» ao volume de 478 páginas, profusamente ilustrado e onde, com uma serenidade e uma imparcialidade só comparada à de um justo, promenorisa a sua história, como a dos seus camaradas, desde o momento da sua prisão, no seu posto de honra, até à sua fuga para a Holanda. Não é minha intenção — nem por pensamento — fazer a crítica ao livro da autoria de um superior, porque isso iria ferir o meu brio de disciplinado que sempre fui e ainda conservo. Mas, porque esse livro encerra uma lição — uma grande lição — do cumprimento do dever, que eu, antigo combatente, desconhecia, como de resto, muitos ignorarão, ainda, resolvi transcrevê-la para o conhecimento público e, muito especialmente, para os vimaraneses, devedores do seu respeito aos mortos, da sua gratidão aos feridos e da sua consideração aos prisioneiros da Grande Guerra. Que Sua Excelência, o Senhor General Alexandre Malheiro, me perdoe a ousadia que me é imposta pela consciência e pela solidariedade para com a memória de todos aqueles que, tendo partido conosco, por lá ficaram, não tornando a pisar o torrão bendito da Pátria, nem a ver este sol, tam nosso, como o azul puríssimo do céu onde ele se espelha.

Lê-se, a páginas 106 e seguintes, «Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg»: — «Eram 11 horas e meia. A barragem tinha-se alongado um tanto para outras zonas mais à retaguarda. Nestas circunstâncias, com a nossa artilharia, quasi por completo reduzida ao silêncio, e sem reservas, o que nos competiria fazer? Eis um problema que, à primeira vista, se tornava um tanto difícil de resolver, mas para o qual teríamos de optar por qualquer das duas seguintes soluções: 1.ª Conservarmos-nos no nosso posto, até recebermos ordem para dali retirar. 2.ª Retirarmos, indo apresentarmos-nos no Comando da Divisão, onde quer que ele se encontrasse. Qualquer destas soluções nos oferecia seus inconvenientes, porquanto: — No 1.º caso, não possuíamos a menor ligação com as nossas forças que, de resto, se achavam totalmente envolvidas, segundo outras informações que depois nos chegaram, por intermédio dum tenente de infantaria n.º 2, o qual, muito a custo, conseguiu chegar ao nosso Quartel General. No 2.º caso, como seria recebida no Comando da Direcção a retirada do nosso Quartel General, deixando todas as forças abandonadas à sua própria sorte, sem que a essa mesma sorte nos tivéssemos querido sujeitar? O principal inconveniente, porém, na nossa permanência ali, por mais tempo estava, em que fatalmente seríamos feitos prisioneiros do inimigo. Uma opinião de entre outras, se salientava, no sentido de devermos imediatamente retirar, visto que nada absolutamente adiantaríamos em ali nos conservarmos. Era a do capitão inglês Rosckroow. Em vista da diversidade de opiniões que então se apresentaram, concedeu o comandante da Brigada plena liberdade para que cada um procedesse como muito bem lhe apossesse, na certeza de que ali se conservaria, fôssem quais fôssem as consequências da sua resolução. Todos os mais oficiais da Brigada decidiram então ficar junto do comandante, incluindo eu, a quem o capitão Rosckroow aconselhava insistentemente para que o acompanhasse, ao que não acedi, para me não singularizar. O argumento que, de uma maneira geral, determinou os três quartéis gerais da Brigada a conservarem-se nos locais em que foram feitos prisioneiros, foi o da possibilidade da chegada de quaisquer reforços a quem seria preciso receber e dar as devidas ordens. Perante a resolução unânime do quartel General, retirou o capitão Rosckroow, acompanhado por algumas praças da nossa formação, às quais nós vimos de uma janela do *ferme*, atravessar a barragem que, como disse, o inimigo havia já alongado, por efeito do avanço das suas forças, cujas metralhadoras ouviamos crepitar muito próximo da casa que ocupávamos, e que, por completo, se achava já cercada de forças inimigas. Já não havia, decerto, naquele momento, ocasião para nos escapulirmos, sendo irremediável o nosso aprisionamento.

Aproximei-me de uma das janelas que se abriam para a estrada, vendo logo uma forte patrulha de oficial que avançava lentamente e, de armas cruzadas, em direcção ao nosso Quartel General. Chamei para este facto a atenção do meu camarada alferes Oliveira que, procurando, da janela do meu quarto, certificar-se do que lhe dissesse, ia sendo prontamente fuzilado por um dos soldados da patrulha que contra ele disparou um tiro de espingarda. Nada mais havia, pois, que fazer naquela casa do que aguardar ali resignadamente, a chegada da aludida patrulha e rendermo-nos. Assim fizemos, perante as armas, contra nossos peitos desnecessariamente apontadas, pelos nossos adversários que, com o seu oficial à frente, também de pistola aperrada, pronunciaram esta estranha palavra que eternamente há-de soar aos nossos ouvidos: *Raus!* (embora ou vamos).»

Acabara, é certo, para os prisioneiros, a guerra onde podiam ter morrido dum tiro; começava, porém, outra guerra — a do cativeiro — onde podiam morrer à míngua, em país inimigo que os não pouparia a vexames e, até a violências. A fome, sobretudo, foi sua companheira inseparável durante todo o tempo que durou o seu calvário. As marchas, a pé, a que foram obrigados e as constantes deslocações dos diversos campos de prisioneiros, até ao de Bressen, que foi o seu Gólgota, constituíram o maior dos martírios. E o que sucedeu ao pessoal do Quartel General da 6.ª Brigada, aconteceu, também ao da 4.ª (Minho) e 5.ª Brigada de Infantaria e a todos aqueles que não foram ceifados pela metralha inimiga e se encontraram guarnecendo o Sector que nos fôra confiado, desde as primeiras linhas aos Quartéis Gerais das Brigadas. Com as suas tropas envolvidas pelo inimigo e tendo à sua retaguarda uma barragem formidável e impedidos de receber quaisquer ordens do Quartel General da Divisão que às 12,15 se retirara do *Lestrem* para *Calonne-sur-la-Lys*, por ordem do Comando do XI Corpo e, seguidamente para *St. Venant e Lambres* (Batalha do Lys, do Sr. General Gomes da Costa, pag. 174/175) restava-lhes renderem-se ao inimigo. Foi o que fizeram, sujeitando-se à sorte das suas tropas. Estes lances são próprios da raça portuguesa e constituem páginas brilhantes da nossa história. A sua leitura, por um lado retém a alma e tonifica o coração do soldado que só tem os olhos fitos na grandeza da sua Pátria; por outro lado, convida à meditação e ao arrependimento todos aqueles que, conscientes ou inconscientemente, têm contribuído para denegrir e amesquinhar — há 17 anos! — a acção das tropas do C. E. P., antes, durante e depois do 9 de Abril. Que o Ex.º General Alexandre Malheiro me perdoe a ousadia que me foi imposta pela consciência, ao ver tanta abnegação e, até, estoicismo, em face de tanta ignominia ultrajante. Podia a fome abalar-lhe o arcabouço e a saúde fazer-lhe sangrar o coração; a alma, apesar de tudo, ficara lustada!

Não será a última vez que folharei o «Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg» repositório inenso de episódios que convém divulgar na imprensa, que vai até onde o livro não chega; fa-lo-ei, a seu tempo e com prazer.

Ao meu querido amigo e camarada, capitão Pedro Correia, que me proporcionou, gentilmente, a leitura do livro, a expressão franca e sincera dos mais puros e francos sentimentos que se podem endereçar à sua alma de crente.

N. da R. — Na última sessão da C. A. da Câmara foi apresentada pelo vereador sr. A. L. de Carvalho a seguinte proposta:

«Que a Câmara, por conveniência de uma mais positiva actividade nos trabalhos em prol do monumento aos Mortos da Grande Guerra, chame a si e à sua Comissão de Estética a efectivação imediata deste preito glorificador, sem excluir a colaboração de quantos a possam ajudar *desideratum*».

## DR. ALFREDO PIMENTA

(O seu verdadeiro perfil intelectual traçado pelo jornal «Diário de Lisboa».)

Do nosso prezado colega «Diário de Lisboa» vamos transcrever as palavras que no seu número de 3 do corrente, consagra ao vimaranesse ilustre sr. dr. Alfredo Pimenta. O perfil do nosso eminente conterrâneo feito pela pena vigorosa do Director do «Diário de Lisboa», é dos mais exactos que até hoje temos encontrado, e revela a maior sinceridade por se tratar dum adversário político. Alfredo Pimenta, poeta, filósofo, crítico, historiador, polemista e jornalista insigne é já hoje uma glória vimaranesse, e como tal tem direito à consideração e respeito de todos nós. Só os invejosos ou ignorantes se atrevem a negar-lhe um real valor nos diversos campos da activi-



dade intelectual em que tão brilhante marca.

Para o admirarmos como poeta, bastam as suas magníficas produções: *Na Torre da Ilusão* (1912); *Alma ajoelhada* (1914); *O Livro das Orações* (1916); *Paisagem de Orquídeas* (1917); *O Livro das Sinfonias móbidas* (1921); *O Livro das Chiméras* (1922); *Cóimbra* (1922); *O Livro da minha saúde* (1923). Sobre Arte, temos a escolher 7 obras que são outras tantas jóias literárias. O seu *Tratado de Versificação Portuguesa* (1927), que não ensina a fazer versos mas tão somente a mostrar como os nossos Poetas, desde os Cancioneiros, os fizeram, é uma obra única no género em Portugal. De filosofia política, apresenta-nos o dr. Alfredo Pimenta nada menos de 20 volumes de variados assuntos, e a coroar esta obra que em outro país, faria a reputação a um escritor, enriquece as letras patrias com as substanciosas 600 páginas dos «*Estudos Filosóficos e Críticos*» e os utilíssimos «*Elementos de História de Portugal*».

Quem não se curva perante as magistras lições, que na «*Cultura estrangeira, Cultura Portuguesa*», há 12 anos, no «*Diário de Notícias*», o dr. Alfredo Pimenta vem mantendo tão galhardamente, e tão luminosamente, lições que já tem o seu público para lá das fronteiras culturais de Portugal?

Por isso o estimado vimaranesse merece, sem favor, do lado político oposto ao seu, as justas homenagens que com o nosso inteiro aplauso passamos a reproduzir:

### Panorama literário português

A personalidade política do sr. dr. Alfredo Pimenta tem sido, vivamente, atacada. Outro tanto não sucede, porém, à sua alta categoria intelectual. Os seus mais irreduzíveis e coléricos adversários, mesmo aqueles que não lhe dão guarida, negando-o com acrimonia, dum maneira apaixonada, prestam-lhe indirectamente homenagem, já quando provocam, já quando aceitam o seu combate literário.

Há que reconhecer nêlo uma individualidade de expressivo relevo; talvez com arestas, demasiado vivas, mesmo hostis, mas cheio de decisão; tenaz, enérgico, que sabe terçar as armas da crítica, raro perdendo uma polegada de terreno. Não cuidamos aqui das suas coordenadas políticas, rectificadas a meio caminho da existência. O «*ponto*» é puramente literário.

A êle nos temos de circunscrever, sem o excedermos com risco de cometermos uma falta não apenas de tolerância, mas até mesmo da mais elemental lealdade.

A obra de Alfredo Pimenta é vasta e multiforme. Vai desde a poesia de requintado esteticismo, à crítica de elevado plano cultural, desde o panfleto, onde há páginas que Rochefort não desdenha-

## «Nec tecum ui sine te vivere possum»

... mas tu causas-me tédio e chego a odiar-te!... Vai, vai para longe... E quando és longe, alfim, Eu sinto o peito a arder e corro a procurar-te Porque só tenho alívio ao ter-te ao pé de mim!...

Sei lá o que me fizeste!... A curva do teu seio E' um IMAN infernal que a si me traz ligado!... Mas porque é, meu Deus, que tanto e tanto a odeio, E por ela sou tanto e tanto apaixonado?!...

MAIO DE 1935.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

ria assinar até ao estudo histórico mais profundo e exaustivo.

E' possível que o sr. dr. Alfredo Pimenta faça coincidir intimamente a crítica literária e histórica com a política, mas o seu caso não é único; nem com isso êle se diminui. Estamos de facto, na presença de um homem de letras, de tipo excepcional; forte de maneira, dum formidável cultura e conhecendo como raros os meandros da nossa história literária, matéria em que é hoje uma autoridade, de singular prestígio. Ensaista, crítico, jornalista — tanto no remanso do estudo, como no fragor da polémica, Alfredo Pimenta marcou há muito, e fortemente a sua feição.

Os admiradores aplaudem-no, os adversários discutem-no. Entre os dois grupos, Alfredo Pimenta continúa intencionalmente trabalhando, pensando talvez que só os inúteis e os nulos vivem no silêncio, entre teias de aranha e a poeira das coisas mortas.

Mais uma vez Alfredo Pimenta vai provocar tempestades. O depoimento que hoje reproduzimos, é dum brutalidade esmagadora. Pouco ou nada fica de pé. Que outro faça, se não concordar, a revisão da sentença literária.

### Estrelas do Meio-Dia

I  
Há quem goste do teu rosto  
E quem se aborça ao vê-lo;  
Se não houvesse mau gosto  
Que seria do amarelo?

II  
Não creias, meu doce amor,  
Nos actos que se transmudem;  
Lido o provérbio a rigor:  
As aparências iludem.

III  
Quando surjas valentão  
Em fugir és o primeiro;  
As entradas de leão  
Dão saídas de sendeiro.

IV  
Não vives de bons empregos  
Mas juntaste oiro de lei;  
Diz-se: na terra dos cegos  
Quem tem um olho é rei.

V  
Se de mal vais a peor,  
Confessa a doença a alguém...  
O teu mal é só d'amor?  
— Há mates que vêm por bem.

VI  
Ao confessar's o teu erro  
Logo fiquei indiferente;  
Deve-se bater o ferro  
Só enquanto êle está quente.

VII  
Deste-me beijos sem lanço  
Ao ouvir's meus segredinhos;  
Preferi dar-te descanso:  
Não há rosas sem espinhos.

L. COELHO.

### Vamos ter Festas da Cidade

Um amigo nosso e da nossa terra que leu uma local publicada no número último, a propósito das Festas da Cidade, entendeu — e muito bem — elucidar-nos sobre aquele importantíssimo assunto.

E' claro que a resposta à nossa pergunta não veio de onde devia vir, mas isso não importa, visto ser hábito antigo nesta terra fazer-se *ouvidos de mercador* quando as perguntas não convêm. Não só por isto mas também porque os jornais nem sempre são lidos por aqueles que mais os deviam ler, quem devia não nos informar, ainda, sobre a possibilidade de se realizarem as Festas da Cidade. Isso não importa.

Diziamos que um amigo nos informou sobre o importante assunto de que aqui estamos tratando.

Garantiu-nos, e deu autorização a dar-

mos a devida publicidade, que as Festas da Cidade se realizam este ano.

Ficam desta forma informados todos os nossos leitores.

Agora lembramos:

Compete à Câmara iniciar os trabalhos, nomeando a comissão que há-de presidir à organização das Festas.

Há absoluta necessidade de saber-se qual a importância que existe já para aquele fim, no orçamento Camarário, e estudar as possibilidades de aumentar a receita a ponto de fazer face à despesa.

Sabemos que o digno Administrador do Concelho e nosso prezado amigo sr. António José Pereira de Lima está possuído da melhor boa vontade no sentido de colaborar nas Festas da Cidade e sabemos, igualmente, que a rapaziada será, mais uma vez, a alma moça que sabe lutar e sabe vencer.

Estes elementos nos bastam para que Guimarães triunfe.

A'vante, pois.

### Novidade literária

Os Meos «Elementos de História de Portugal», e a Crítica

por Alfredo Pimenta.

— PREÇO 10 ESCUDOS —

A' venda na Livraria L. OLIVEIRA & C.ª

GUIMARÃIS

### Monumento ao Gravador Molarinho

O Monumento ao Artista Vimaranesse Gravador Molarinho deve ser inaugurado ainda este mês, possivelmente no dia 26.

Sabemos que o acto vai revestir certa imponência, devendo a êle assistir as autoridades locais e outras pessoas de representação, bem como algumas pessoas da família do Homenageado, entre as quais o sr. Major Moreira de Sá, antigo Governador Civil do Porto.

Já aqui lamentamos que aquela homenagem não fôsse prestada no dia da Festa do Trabalho e resta-nos, por isso, fazer votos para que a mesma revista a maior solenidade — para honra de Guimarães, Terra-Mãe do Artista eminente.

**FERNANDO AIRES**  
ADVOGADO  
R. República GUIMARÃES

### UM CASO REPUGNANTE

Há dias vieram procurar-nos para nos mostrarem, num dos pontos da cidade, até onde vai a maldade humana.

O que nos foi dado ver comoveu-nos e — porque não dizê-lo? — repugnou-nos.

Um senhorio tentava afastar um seu inquilino cuja situação de miséria conhece mais que ninguém, servindo-se, para tal, dum meio pouco vulgar e nada digno de uma pessoa que andou pelas Universidades.

Nada mais, nada menos que um *dilúvio* dentro dum acanhada e anti-higiênica habitação.

Vimos lágrimas, crianças nuas, trapos molhados, ouvimos gritos, queixumes... Um horror!

Bom será que o deshumano senhorio não volte a praticar actos desta natureza para que aqui não tenhamos de fazer mais comentários.

Atentar contra a vida do nosso semelhante é um crime.

Assembleia Vimaranesa

Já foi fechado o contrato com o proprietário da Casa do Tournal, para ali ser instalada a Assembleia Vimaranesa. Trata-se dum importante melhoramento cidadão e regista-se, com prazer, o salvamento dum colectividade que já marcou no nosso meio um lugar de distinção e que — queremos crer — há-de occupá-lo de novo e dentro em breve.

COISAS & LOISAS

ENSINO TÉCNICO

Só há passados dias li uma entrevista do Senhor Ministro da Instrução, publicada num diário da Capital. S. Ex.ª frison a necessidade de dar mais eficiência ao ensino, focando, em especial, aquele que é ministrado nas Escolas Industriais e Comerciais. Disse s. ex.ª que o Ensino Técnico Elementar tem de ser profundamente reorganizado, não só porque é necessário adaptá-lo às conveniências das diferentes indústrias regionais, mas também porque é preciso dar mais realiações aos diplomados, tornando se, assim, mais produtiva a finalidade dos respectivos Cursos. Para isto se conseguir — disse s. ex.ª — não se pode fazer uma reorganização completa sem que previamente se faça um estudo perfeito e concreto, pon-do-se completamente de parte a preocupação de apenas substituir uma organização por outra sem resultados práticos. Referindo-se ao actual número de Escolas Industriais e Comerciais, o sr. Ministro da Instrução declarou que elas são muito poucas, salientando a necessidade de serem criadas mais, assim como a de melhorar a instalação das existentes, algumas das quais se encontram péssimamente instaladas, em edificios sem condições higiénicas nem pedagógicas, acrescida esta agravante da falta de mobiliário escolar e de material didáctico. Infelizmente, tudo isto é verdadeiro. As Escolas I. e C., que viveram esquecidas durante muitos anos, não têm correspondido, em Portugal, ao importante objectivo para que foram criadas, exactamente porque não lhes tem sido dispensada toda a protecção devida, não obstante tratar-se de um ramo de Ensino que representa um dos principais factores do desenvolvimento económico do País. Quem conhecer a finalidade destas escolas, desde que não lhes faltem os elementos precisos para o seu bom funcionamento, deve ter chegado à conclusão de que elas são, na verdade, as melhores e as mais poderosas alavancas do progresso. E para se provar que assim é, basta ter conhecimento da importância que as mesmas têm em certos países estrangeiros, onde o seu funcionamento está absolutamente garantido, quer sob o ponto de vista de instalação, quer, ainda, sob o da organização dos seus Cursos. Nestas condições, não há que duvidar da sua utilidade, visto que nada lhes falta para justificar o fim para que foram fundadas. Se o mesmo se tivesse feito às nossas escolas, não nos veríamos forçados a recorrer a técnicos estrangeiros, porque nos poderiam servir com a prata da casa. Está, pois, demonstrado que as Escolas I. e C. são indispensáveis, quando devidamente bem organizadas e bem apetrechadas. Fora disto, a sua utilidade não pode deixar de ser bastante limitada e, consequentemente, os seus benefícios não serão os que devem ser. Hoje, que gira à volta deste ensino a intenção de o melhorar sensivelmente, pensa-se numa nova organização da qual resulte uma obra de reconstrução por meio do Ensino Técnico. Assim acontecerá, uma vez que o estado, decorridas algumas dezenas de anos após a criação das primeiras Escolas Técnicas Elementares, tome a iniciativa de as converter em alicerces do grandioso edificio da prosperidade nacional. E falando, mais uma vez, das afirmações do sr. Ministro da Instrução, seria esta a melhor ocasião de os vimaranenses pedirem o complemento da sua Escola Industrial e Comercial, adaptando-a às variadas indústrias desta região e

ao seu largo comércio. Os actuais Cursos n.ªa professores têm uma organização muito deficiente. É necessário completá-los, como necessário é também criar outros, porque só assim poderá ficar uma Escola completa e em condições de poder criar técnicos, garantindo, deste modo, o futuro dos seus diplomados. E se estas Escolas devem ser de carácter essencialmente regional, não se compreende que a de Guimarães continue a manter as mesmas deficiências que tem mantido até ao presente, não obstante ser uma das primitivamente fundadas — com mais de 50 anos de existência — e atendendo também ao meio em que se encontra. A lambraça aqui fica, para quem de direito pensar sobre o assunto.

PEÇO PERDÃO, MAS...

Um amigo, incassável defensor do progresso de Guimarães, chamou a minha atenção para um convite distribuído pela cidade, dimanado da Associação Commercial e Industrial, onde se pedia aos associados e ao comércio em geral a fineza de encerrarem os seus estabelecimentos no dia 1.º de Maio, afim-de os empregados comerciais poderem incorporar-se no cortejo da F. do T. O referido convite é assinado por "A Direcção". Em face disto, vê-se que continua em exercicio a Direcção antiga e talvez, ainda, em sessão permanente por meio de uma resolução tomada há cerca de dois meses. No entanto, devo confessar que esta circunstancia me causou uma certa espécie, visto que alguns dos membros dessa Direcção se consideram desligados dela. Como poder, no meio desta trapalhada toda, concretizar os factos? Há Direcção ou não há Direcção? Embora nunca se tenha dado pela utilidade dos seus efeitos, pelo menos dê-se uma satisfação ao público e tudo se resolverá sem grandes atritos desde que não se perca a esperança de nem o edificio se salvar. É preciso, mesmo, acabar de uma vez para sempre com comentários desagradáveis, que não dão honra nem glória a ninguém. Se os velhos estão cansados — o termo "velhos", não é ofensivo para ninguém — apele-se para a gente nova de Guimarães onde há bons elementos, rapazes cheios de vida, de actividade e de boa vontade para trabalharem por esta terra. Recorrer aos novos não fica mal a ninguém, sobretudo desde que se aproveitem aqueles que já têm dado as mais evidentes provas das suas qualidades de trabalho, de iniciativa e persistência. Da Associação Commercial e Industrial de Guimarães não deve manter-se apenas o titulo. É preciso fazer dela uma entidade que prestigie esta terra e que trabalhe afinadamente por ela, de modo a ter autoridade precisa para se fazer reconhecer pelo Poder Central. Se assim não for, mais vale coisa nenhuma.

NEM MAIS NEM MENOS

O fundo do último número do "Noticias", da autoria de um dedicado colaborador — o sr. Manuel de Guimarães, diz respeito aos deturpadores da orientação deste semanário. Sua ex.ª, que não podia ser mais claro nem mais preciso, desfaz, por completo, todas as insinuações que têm sido feitas às boas intenções de quem dirige este jornal e de quem n.ªa colabora. São os tais caluniadores profissionais, que, sem consciência que os oriente, sem dignidade que os dignifique e sem carácter que os possa tornar pessoas respeitáveis, lançam mão de tudo — mesmo da mentira e da falsidade — simplesmente porque não têm outra intenção que não seja a de comprometer quem está habituado a ser consciencioso, ponderado, concreto e prudente. Comigo, por exemplo, que respeito todas as crenças e todas as ideias e que me considero digno da justiça que todas as pessoas de bem me sabem fazer, deu se um caso que muitíssimo me indignou e que, se não fosse a força de um poder que mais alto se levanta, eu narraria detalhadamente, desmascarando o autor da calúnia, pessoa sem nenhuma autoridade moral para fazer insinuações de qualquer natureza.

A pessoa a quem me estou a referir e que — mais hoje mais amanhã — há-de ser desmascarada e apresentada à opinião pública — tal como é — para que todos se acantelem do seu veneno e da sua má fé — não hesitou em acusar o "Noticias de Guimarães", de reviralthista, por causa de um eco inserto nesta secção, publicado no n.º 161, quando nesse eco — bem como em quaisquer outros — nada conta de despres-

tigosos para a actual situação. Mas eu, que conheço bem de perto o fundo miserável da criatura em referência não estranho mais esta prova da sua baixa de carácter e da sua maldade. Ele, é cínico, não olha a consequências, quando quer exercer torpes vinganças sobre os inocentes, motivo porque são muitíssimas as vítimas da sua falta de consciência, de escrúpulo e de justiça. E este facto é mais grave ainda por se tratar de uma pessoa que tem cometido irregularidades gravissimas na sua vida profissional.

MAIS UM QUE VAI

Vai desaparecer da cidade mais um pardeiro — o da rua 31 de Janeiro. E o segundo, visto que o primeiro foi o da Aveuida Cândido dos Reis. Depois, irá o do antigo depósito de sardinhas, no Tournal, facto a que já me referi. Resta, agora, que a Estética da cidade não seja, mais uma vez, vítima da indiferença de quem superintender nestes casos. Mande quem deve mandar a D. Estética não perder a elegância. Para já, estou convencido de que o novo proprietário do presépio — sem ser aquêle onde nasceu o Deus-Menino — mandará construir um prédio digno do lugar onde fica situado. Bom é que o número das misérias de Guimarães se vá tornando cada vez menor, porque nada há que possa justificar o contrário. Para a frente — não confundir esta frase com a do sr. Rolão Preto — o caminho a seguir. É preciso desfazer a impressão de que Guimarães é uma enfeitada e de que os seus Brasileiros são o agouro do seu progresso.

NOUTROS TEMPOS...

Em tempos que já lá vão, havia um Código de Posturas. Hoje, não se sabe se esse livrinho existe ou não, porque cada um faz o que quer, sem que ninguém lhe peça responsabilidades. Varre-se o lixo para as ruas, sacodem-se os tapetes às sacadas, despeja-se a água sobre os transeuntes, chanfram-se os passeios para facilitar a entrada dos automóveis, consen tem-se jogos de foot ball em plena rua, toleram-se transportes pelos passeios, não se reprimem as ofensas à moral pública, etc. etc. E perante isto, todos cruzam os braços, distraídos, talvez, pela discussão da epidemia do foot ball!

PASSADOS 12 DIAS

O cortejo realizado no 1.º de Maio foi a demonstração infalível de que o conceito de Guimarães possui todos os elementos segundo os quais se pode provar o seu alto valor industrial, comercial e agrícola. Viram-no os ex.ªs representantes do Governo, viram-no várias entidades do distrito de Braga e viram-no, ainda, muitas pessoas de outros distritos. Provou-se, pois, que Guimarães tem dentro dos seus muros os mais importantes factores do progresso de uma terra, que não vive apenas da tradição mas também — e muito especialmente — da iniciativa e do trabalho da sua população. É de lamentar que uma parte da Imprensa não tenha adiantado mais desenvolvimento a importância desta terra, muito superior a outras que se julgam com mais direitos para conseguirem do Poder Central certos e determinados benefícios. E falando-se do cortejo, é justo que não fique no esquecimento o nome do sr. dr. Joaquim de Barros, a quem mais se deve o bom êxito da secção agrícola, que mereceu as mais elogiosas referências de todos aqueles que admiraram a sua completa organização. E não me refiro a mais ninguém, visto que os nomes das pessoas que mais serviços prestaram, já foram citados em alguns jornais, de entre os quais — talvez por lapso — não constava o do sr. dr. Joaquim de Barros, que, muito senhor da sua modestia, sempre se arrelia, quando o exaltam. Comigo, escusado será zangar-se, porque sou incapaz de me desahitar a fazer justiça, seja a quem for.

Pipi.

EM BENEFÉVIA

"VITÓRIA NATURAL" Vitória, 3. União de Vigo, 1.

Depois de uma copiosa vitória no Porto contra o "Desportivo de Portugal", e de uma outra pela tangente contra a "Selec-

ção de Gaia", os vignerens vieram de abalada até Guimarães e jogando com o "Vitória", perderam, e bem, o jogo de 4.ª feira, passada. O "team", do "Vitória", apresentou-se desfalcado do seu avançado centro, mas, mesmo assim, actuou de maneira a mostrar sensível superioridade técnica sobre o adversário.

A análise do desafio faz-se em poucas linhas, pois facilmente se calcula o que foi o decorrer do jogo. Os vimaranenses dominam mais, ligeiramente umas vezes e com mais insistência noutros períodos de tempo, ao passo que os espanhóis embora reagissem com vontade, procurando libertar-se dessa pressão e conquistar, pelo menos, o "ponto de honra", nunca se mostraram bem capazes de provocar a inversão dos papéis.

Tiveram, é facto, alguns momentos em que obrigaram os da casa a cuidar da defeza com mais afiço; chegaram mesmo a criar algumas esplêndidas ocasiões de fazer "goal", mas os seus avançados nunca se mostraram capazes de aproveitá-las.

De resto as ocasiões de "goal", tanto falharam numa balisa como noutra e se os visitantes mereciam ter conquistado mais um ou dois tentos também o "Vitória", podia ter aumentado essa vantagem. O "ouzo", do "Vitória", jogou o bastante para merecer a vitória sem qualquer espécie de objecções. O trio defensivo saiu-se bem da tarefa, sobressaindo no entanto e esplêndido trabalho de Ricoca. José Maria teve as honras da tarde, porque foi o melhor dos médios e o melhor jogador no terreno, seguido de Laureta.

A frente somente Faria brilhou, a grande altura, seguido de Bravo. O "União", de Vigo, teve bom começo, mas quebrou naturalmente. Defeza rude mas relativamente segura. Actuação um tanto irregular por parte do portero. Médios batalhadores. Avançados enérgicos mas pouco decididos.

Arbitrou Dias Pereira, de Braga. Trabalho sensato. Os jogadores responderam à característica da arbitragem, mantendo-se sempre dentro da máxima correcção.

Assistência numerosa e correcta, como sempre.

Um reparo:

Os jogadores espanhóis apresentaram-se muito mal equipados. Já com as camisas completamente desbotadas, ao contrário, das do "Vitória", que estavam em estado novo.

Alguns comentários interessantes sobre o jogo.

Ouvimos dizer a uma pessoa que se dirigia para o campo a um seu companheiro: — Hoje sempre vou ver o "Langara", jogar.

E não se lembrou que em Espanha, — "Langaras há muitos".

Nas bancadas dizia-se em voz alta para certos dirigentes de Braga: — Olhem que em Guimarães não há "penaltie", cá não se usa isso!

Pareceu castigo — daí a momentos era marcado um "penalty", contra o "Vitória". Um espanhol nas bancadas — "Pero que os vimaranenses são valientes!" E nosotros mui fracos.

Quando terminou o jogo ouvimos na geral um cavalheiro, todo desempoeirado, exclamar:

— Até que enfim, que ganhamos à Espanha.

A. N.

Em Rádio: Prefira "Philco,,

O A M I S A S

Table with 2 columns: Item name and price. MALHA desde 11\$00, CRETONE > 16\$50, LINOL > 19\$00, POPELINE > 25\$00

Loja das Camisas.

MERCHARIA

Trespasa-se uma importante mercearia num dos melhores pontos da cidade bem central e com boa clientela.

Nesta redacção se diz.

Palácio da Independência

Recebemos o seguinte officio: Sr. Director do jornal "Noticias de Guimarães. Tendo esta Sociedade iniciado um movimento patriótico em favor da compra do Palácio da Independência, de tão grande valor histórico para todos os Portugueses e cujo estado de abandono se deve considerar afrontoso do brio nacional, sollicitamos o valioso auxilio do jornal que V... dirige, no sentido de fazer a máxima propaganda desta ideia. Certos de que uma vez mais a Imprensa Portuguesa concorrerá para a efectivação duma iniciativa que deve merecer o apoio geral, subscrevemo-nos com a maior consideração

De V... Mt.º At.º Ven.º e Ob.º Lisboa, 2 de Maio de 1935. Pela Comissão encarregada da compra do Palácio da Independência, Luis Pastor de Macedo.

CAMISARIA MARTINS

Acaba de receber as últimas novidades em MEIAS escócia e seda para Senhora PEUGAS SPORT para Criança SOQUETES para Senhora e Criança BRINCO DE BRILHANTES

Perdeu-se um, de chuva, na manhã do dia 1, por ocasião da Festa do Trabalho, da Quinta das Lamelas (Cano) até ao Largo Martins Sarmento.

Gratifica-se quem o entregar na Casa de Martinho Azenha, no Campo do Salvador (Cano) — Quinta das Lamelas.

HOMENAGEM AO PROFESSOR

MANUEL JOSÉ PEREIRA

O professorado primário do Concelho, num gesto simpático que muito o honra, promoveu na quinta-feira passada, num dos salões das Escolas Centrais, desta Cidade, uma sessão solene de homenagem ao distinto professor sr. Manuel José Pereira, das Caldas das Taipas, que, como há tempos noticiamos, atingiu o limite de idade, motivo porque abandonou o Magistério Primário.

Na sessão a que presidiu o muito digno Inspector do Distrito Escolar de Braga, sr. Manuel Boaventura, usaram da palavra, para enaltecer as qualidades morais e intellectuaes do homenageado, vários colegas seus que traçaram o perfil do Cidadão e Apóstolo a quem foi entregue, em seguida, uma bem redigida mensagem.

Após a sessão solene a que assistiram muitos professores vindos de todas as escolas do concelho, o homenageado e sua familia e muitos amigos e admiradores seus, realizou-se, no Hotel do Tournal, um almoço de confraternização que foi mais uma prova de solidariedade e deu ensejo à troca de entusiásticos brindes.

JOSÉ D'OLIVEIRA BASTOS e JOÃO NETO

ADVOGADOS Escritório — R. Gravador Molarinho, 32 (Baixos da Assembleia) TELEFONE, 58

Cadela Coelhoira

Desapareceu do dia 20 para o dia 21 de Abril. Dá pelo nome de «Beleza» e é de côr amarela clara.

Cratifica-se quem a entregar. Pode ser indicado o seu paradeiro a Martinho Azenha — Largo do Salvador — Guimarães.

Visado pela Comissão de Censura.

d'Audrac — como dizia com ar superior e destacado o advertido clubman — tinha muitas pretensões de vir a ser um dia a senhora Richaud.

Respondi-lhe que poria a minha fraca influencia ao serviço da sua pretensão. Isso representava um compromisso. Prometi-lhe também que iria ver o seu filho de vez em quando. Deixámo-nos com estas duas promessas, que me foram agradecidas com igual frase e igual contentamento. Eu os reteni, a um e a outro, o primeiro sem grande convicção, e sem esperança nem desejo de obter qualquer resultado, o segundo com um interesse muito sincero. Tenho motivos para lamentar as crianças que perdem a sua mãe muito novas, e depois as confidências de pai, ainda me tornaram mais piedoso.

Richaud não tinha faltado ao dever de assistir à «première» de Molan, como dizia ainda desta vez em linguagem de teatro. De novo nos deixamos e partiu numa 3.ª feira.

Na quinta, fui até aos Medronheiros. A casa de campo era bem conhecida. Uma série de belos arbustos verdejantes se alinhavam nos dois lados do pequeno caminho que conduz à entrada.

(Continua.)

FOLHETIM

O APACHE

De PAUL BOURGET

(Tradução de L. COELHO).

III

«Ele acaba de ter uma gripe assanhada, continuou o pai; o médico aconselhou-me a que o trouxesse depressa para o Sul. Vim instalá-lo numa casa de campo, perto daqui, nos Medronheiros. Chegamos ante-ontem. Imagina que não soube da tua estada nesta região a não ser hoje, de manhã. Acreditava que veraneasses em Cannes... Enfim, fiquei radiante quando me disseram, pois já podia recomendar o meu homenzinho. Eu regresso esta tarde a Paris.» — «Dizem que a partida, no presente ano, está animada na assembleia!» repliquei com um pouco de malicia, eu o confesso, e acrescentava: «Eu não me atrevo a desejar o teu immediato regresso. Isso seria mau sinal...» — «Está bem!», respondeu-me: «se isso te espanta, eu declaro que actual-

mente jogo muito pouco. Entretenho-me... Mas que queres? Estou ainda novo. Necessito, portanto, de sentir a vida, à minha volta, o movimento. Paris enfim... E depois, o meu amigo Molan tem em cena, no Ginásio, uma peça nova. Eu sei, que estás de relações cortadas com êle. Mas eu... é o meu companheiro de sempre. Ele tem sido dumha dedicação extrema desde a hora da minha desventura. Eu devo-lhe a obrigação de assistir à sua «première».

— «É o teu filho, não lhe deves o tê-lo lá?» — pensava eu, olhando de novo o rapazinho que colhia agora pés de mimosa para engrossar o seu ramo de ramos. O ouro desbotado dos seus compridos cabelos parece quasi branco ao lado do ouro das flores, e a sombria côr do seu fato provocava um comentário dumha ironia pungente, sabido os propósitos de seu pai.

— Molan não é auxiliado na sua peça pela bela Madalena d'Andrac?

— «Eu já o adivinhei», respondeu-me Richaud, rindo de novo com estrondosa alegria; «contaram-te que eu iria casar com essa pequena? Não te faças discreto, o boato correu... Ela assim o desejava, creio eu — e tomava o ar donairoso dum homem para quem as atenções junto dumha pessoa bela provocaram tais comentários. A sua maturidade

era tão robusta que, apesar da calvície avultada, do rosto um pouco congestionado e do prenúncio de boa disposição, êle podia declamar estas ultimas palavras, sem se mostrar ridiculo:

— «Mas não. Eu não casarei com a sr.ª d'Audrac.

Não farei isso ao meu filho: dar-lhe uma madrasta. Nem aquela nem uma outra. Ainda assim, convenco-me de que não seria peor.»

Esta frase era dita para colocar-se acima dos preconceitos, pronunciada por um Parisiense que conhece a vida. Houve um pequeno silencio. Depois, olhando para o petit, tartamudeou:

— Pobre Edmundo! Vais ficar sozinho aqui. Hei-de vir algumas vezes cá para te ver. E quando tu, amigo, tiveres um minuto para me escreveres, de tempos a tempos, a dar-me noticias dêle, quanto to agradeceria... Era uma gentileza, hein?... Demais, eu conto andar numa daboadeira entre Paris e Costebelle... E depois, entrego-o a pessoas de confiança: o professor das primeiras letras, o sr. Eymard, que prepara a sua transferência. Tu o verás.»

Nova gargalhada: «Êle parece mais velho que eu, apesar dos seus 25 anos e dos meus 39... Edmundo tem ainda com êle a criada de quarto da sua mãe, que o viu nascer, e que eu conservei,

também um criado, e ainda Didier. Perde algum tempo a estudar Didier! Vale a pena. Ah, é um modêlo!»

— «E' boa!» disse-lhe: «todos êsses mecânicos assim hábeis se assemelham. Eles não desejam cortar o bigode nem talar ao patrão na 3.ª pessoa.»

— «Tens notado isso? Mas, se tu lhe conhecesses a sua vida!»

— «Conta-ma, se morres de desejo, por isso...»

— De nenhuma maneira. Far-me-ás o obsequio de utilizar o automóvel um dia», respondeu, «e eu continuarei tranqüilo. Ele falar-te-á e obterás surpresas. Mas tu verás, verás...» Depois, teimando na ideia primeira, concluiu:

— Tens muitas relações no jornalismo, não é verdade? Não? Mas eu sabia que tinhas... E' que, para a peça que vai ser representada no Ginásio, lembrei-me que talvez pudesses escrever a alguns amigos para evitar que fizessem pesadas criticas a Madalena d'Andrac...»

Então não conheces ninguém?... Vejamos...

II

Era evidente que o pai de Edmundo, não tendo grandes conhecimentos, veio ver-me unicamente para fazer êste pedido, e que esta pequena Madalena

# CASA DAS GRAVATAS

## APRESENTA CAMISAS GRAVATAS POPELINES

# 1935

PADRÕES EXCLUSIVOS DA NOSSA CASA.

### Da Cidade

**Ainda a Festa do Trabalho** — Da Administração do Concelho recebemos a seguinte nota oficiosa:

«António José Pereira de Lima, Administrador do Concelho de Guimarães: Faz público, para conhecimento de todo o povo do concelho, que acaba de receber, por intermédio do Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil do Distrito, telegramas de Suas Ex.<sup>as</sup> os ministros da Agricultura e Comércio e Indústria, que passa a transcrever:

«Dominado ainda pelas impressões recolhidas durante a minha permanência em Braga, Guimarães e Vieira do Minho apresento a V. Ex.<sup>a</sup> as minhas felicitações e peço que transmita às Câmaras Municipais, autoridades públicas e particulares as minhas saudações e melhores agradecimentos. Saúdo com particular carinho esse admirável povo trabalhador e laborioso lavoura do Minho que eu tanto desejo servir. (a) Rafael Duque — Ministro da Agricultura».

«Renovo a V. Ex.<sup>a</sup> os agradecimentos por todas as gentilezas dispensadas e mais uma vez felicito V. Ex.<sup>a</sup> pelo brilho e êxito incomparável da magnífica Festa do Trabalho em Guimarães, que constitui uma das melhores vitórias do Estado Corporativo. Peço que transmita a todos os magníficos colaboradores de V. Ex.<sup>a</sup> as minhas saudações. — Ministro do Comércio e Indústria».

A Autoridade Administrativa recebeu, na terça-feira, do sr. Governador Civil, que se encontrava em Lisboa, um telegrama comunicando que o Sub-Secretário das Corporações deferiu o pedido formulado pelo operariado de Guimarães, no dia 1.º de Maio, da construção dum bairro económico nesta cidade.

— Em sinal de regosio, por esta notícia, realizou-se na noite de quarta-feira, uma manifestação operária em que tomaram parte centenas de operários e os sindicatos com os seus estandartes e duas bandas de música.

Da varanda do edifício camarário falaram os srs. presidente da Câmara, Francisco Pereira Mendes, dr. Alberto Cruz e o operário David dos Santos. Ouviram-se muitos vivas, foguetes, repiques e apitaram as sirenes das fábricas.

**Excursões** — Visitaram esta cidade os alunos e alunas dos Liceus Maria Amália Vaz de Carvalho, de Lisboa e Carolina Michaelis, do Porto, bem como outros collegios do Porto e Vila Real.

**Inspecções militares** — Avisam-se, por esta forma, as praças licenciadas do Exército Activo e da Reserva Activa dêste D. R. R. n.º 8, e ainda das diversas unidades do Exército domiciliadas na área do concelho de Guimarães, que devem comparecer na sede do Comando Militar da mesma cidade nos dias que lhes vão indicados, pelas 10 horas, hora oficial, com as suas cadernetas militares a fim de lhes ser passada revista de inspecção nos termos do Regulamento Geral dos Serviços do Exército. Os dias em que as praças de cada freguesia devem comparecer à revista, são os seguintes: Dia 16 de Junho de 1935, Abação (S. Cristóvão), Abação (S. Tomé), Airão (Santa Maria), Airão (S. João Baptista) e Aldão.

Dia 23 de Junho — Arosa, Atães, Azurém, Balazar, Barco, Briteiros (Santa Leocádia), Briteiros (Santo Estêvão), Briteiros (S. Salvador) e Brito.

Dia 30 de Junho — Caldas de Vizela (S. João Baptista), Caldas de Vizela (S. Miguel), Caldelas, Calvos, Candoso (S. Martinho), Candoso (S. Tiago), Castellos, Conde, Corvite e Costa.

Dia 7 de Julho — Creixomil, Donim, Fermentões, Figueiredo, Gandarela, Gêmeos, Gominhães, Gonça, Gondar, Gon-

domar, Guardizela, Guimarães (Santa Maria da Oliveira), Guimarães (S. Paio), Guimarães (S. Sebastião).

Dia 14 de Julho — Infantas, Infiás, Leitões, Lobeira, Longos, Lordelo, e Mascotelos.

Dia 21 de Julho — Matamá, Mesão Frio, Moreira de Cónegos, Nespereira, Oleiros e Paraizo.

Dia 28 de Julho — Pencilo, Pentieiros, Pinheiro, Polvoreira e Ponte.

Dia 4 de Agosto — Prazins (Santa Eufemea), Prazins (Santo Tirso), Rendufe, Ronfe, Sande (S. Clemente), Sande (S. Lourenço), Sande (S. Martinho), Sande (Vila Nova), S. Torcato, Selho (S. Cristóvão), Selho (S. Jorge), Selho (S. Lourenço), Serzedelo, Serzedo, Silveiras, Souto (Santa Maria), Souto (S. Salvador), Tabuadelo, Tagilde, Urgeztes, Vermil, Vizela (S. Paio).

Freguesias do concelho de Fafe que tem revista no mesmo comando:

Dia 11 de Agosto — Antime, Armil, Arões (Santa Cristina), Arões (S. Romão), Cepães, Fareja Golães, Medelo, Quinchães, S. Gens e Fornelos.

As praças que faltarem a esta obrigação especial serão punidas nos termos do citado Regulamento Geral dos Serviços do Exército, pela aplicação de multas a que se refere o artigo 44.º da VI parte do mesmo Regulamento que pelo artigo 1.º do decreto n.º 9.629, são elevadas ao decúplio.

O mínimo da multa são 10\$000.

Quartel em Braga, 7 de Maio de 1935.

O Chefe interino,

(a) José Marcelino Barreira, Major.

**José Pereira Torres Carneiro**

— *Exéquias por sua alma.* No próximo dia 23, às 11 horas, celebram-se no templo da V. O. T. de S. Francisco solenes exéquias, promovidas pelas mesas da mesma Ordem e da Santa Casa da Misericórdia, por alma do grande benemérito sr. José Pereira Torres Carneiro.

Da armação do templo foram encarregados os armadores srs. Eugénio & Novais, e João Passos e da parte coral das cerimónias o grupo do rev. Alaio, de Braga.

**Protecção aos dementes** — Pela secção administrativa da Câmara foram enviadas circulares a todos os regedores das freguesias, pedindo-lhes para enviarem à mesma secção administrativa dentro do mais curto prazo de tempo, uma nota contendo os nomes, idade, estado, lugar etc., de algum doído ou doídos que existam nas mesmas freguesias, a fim de se proceder ao seu internamento imediato.

**Feira da Rosa** — Realizou-se no vasto Campo do Salvador, esta antiquíssima feira de gado bovino, que por motivo do mau tempo, foi menos concorrida do que em anos anteriores, tendo-se notado, por isso, pouco movimento na cidade.

Registou-se considerável baixa do preço do gado.

**Gatunos em acção** — Num dos dias da semana passada os gatunos entraram, por meio de arrombamento, no escritório do industrial sr. José Mendes de Oliveira, furtando-lhe algumas fazendas e tentando arrombar o cofre. A polícia averigua.

**Aos viticultores** — Para conhecimento dos interessados, transcrevemos os dizeres da circular n.º 9, enviada à Delegação dêste concelho de Guimarães, pela Comissão Executiva da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes:

«Para os devidos efeitos comunicamos que, a partir de hoje, que as análises dos vinhos têm o seguinte preço:

Análises de vinhos destinados à exportação, não se colhendo amostras para

quantidades inferiores a 120 litros Esc. 40\$000.

Análises de vinhos destinados a qualquer local fora da Região Regulamentada, não se colhendo amostras quando a quantidade de vinho não atinja 200 litros Esc. 15\$000.

Devem ser informados os interessados de que estes preços das análises têm de ser análogos aos dos Laboratórios Oficiais como manda a Lei, e é obrigatória a cobrança, da importância das análises sempre que se colham amostras.

Mais informamos que o preço das análises nos Laboratórios Oficiais é de Esc. 40\$000. Todavia, esta Comissão Executiva, para não sobrecarregar o produtor, no comércio interno, faz o grande desconto que indicamos ainda porque, sendo em grande número os vinhos analisados, é possível fazer este preço.»

**Excursão a Fátima** — Realiza-se hoje uma grande excursão desta cidade a Fátima, em luxuosas caminhetas do sr. João Ferreira das Neves & C.<sup>a</sup>, para a qual se inscreveram muitas pessoas.

**Desaparecido** — Há dias desapareceu uma casa de seu tio, António Salgado, morador no lugar de Seides, freguesia de S. Vicente de Oleiros, dêste concelho, onde servia, João Salgado, de 13 anos de idade, que vestia fato de cotim, já usado.

Seu pai, o lavrador caseiro Manuel Salgado, do lugar de Freitas, freguesia de S. Paio de Figueiredo, dêste concelho, pede-nos para solicitar-mos a quem tenha conhecimento do seu paradeiro o comunice imediatamente às autoridades dêste concelho.

**Ocorrências** — Na madrugada de segunda-feira, no lugar da Curveira, freguesia de S. João de Ponte, dêste concelho, quando passavam João da Silva Esteves, casado, mineiro, do lugar de Campelos, e António Ribeiro da Silva, casado, jornalista, do lugar de Burrecos, da freguesia de Vila Nova de Sande, foram assaltados por Albino Ribeiro «Maia», casado, jornalista, e Domingos da Silva, «Russo», solteiro, mineiro do lugar de Campelos, freguesia de S. João de Ponte, agredindo-os à navalhada.

O Esteves ficou bastante ferido, pelo que teve de recolher ao Hospital da Misericórdia e o Silva foi pensado no mesmo Hospital e recolheu a casa, por o seu estado não inspirar cuidados.

A polícia averigua, visto que os agressores se puzeram em fuga.

### «Philco»,... Som maravilhoso

### Agradecimento público

Uma pertinaz e grave doença perseguia minha esposa Armandina Ribeiro Venâncio da Costa e, o destino quiz que se lhe deparasse um médico vimaranense — Dr. Alberto Rodrigues Milhão — que, apesar das suas ocupações, que colocou de lado, de alma e coração, com a sua inteligência, saber e carinho, realizando um milagre quasi impossível — a sua cura —

Como tão grande favor e dedicação, não é possível pagar-se, eu, o seu marido, quero, aqui neste cantinho do jornal, testemunhar publicamente o meu mais vi-

vo agradecimento, que se torna extensivo à outra glória da Ciência, Dr. João d'Almeida, pois que também muito contribuiu para tal.

Guimarães, 7 de Maio de 1935.

Caetano José da Costa.

### FALECIMENTOS

Na sua casa do Ribeiro, freguesia de Gêmeos, dêste concelho, faleceu, quasi repentinamente, o proprietário sr. José Francisco Leite de Carvalho, cunhado do nosso bom amigo sr. Coronel Alcino Machado, a quem, bem como à restante familia dorida, apresentamos condolências.

### PROPIEDADE

Vende-se, na freguesia de Salvador de Souto, no lugar da Azenha, com estrada à porta.

Falar com o Dr. Francisco Rodrigues. Todos os pretendentes devem comparecer no escritório do mesmo advogado, no dia 21 do corrente, pelas 15 horas.

### NOTÍCIAS PESSOAIS

#### Aniversários

Passou no dia 1 do corrente o aniversário natalício do nosso prezado amigo e conterrâneo sr. José Pinheiro, a quem, embora tarde, apresentamos os mais sinceros parabéns.

— Passa no dia 15 do corrente o aniversário natalício do nosso conterrâneo e bom amigo sr. João de Faria e Sousa Abreu.

Felicitando-o fazemos votos pelas melhoras da sua saúde.

#### No «Notícias»

Visitaram-nos os nossos amigos srs. Tenente José António de Matos Júnior e José Alves de Faria, de Serzedelo.

#### Dr. José Pinto Rodrigues

Regressou a Lisboa, na sexta-feira, o nosso bom amigo e distinto colaborador sr. dr. José Pinto Rodrigues.

#### Várias

Agravaram-se os sofrimentos da sr.<sup>a</sup> D. Joana Freitas Ribeiro.

— Estiveram nesta cidade os nossos conterrâneos srs. João Correia e António Teixeira de Carvalho, negociantes no Porto.

— Partiu para Lisboa o nosso bom amigo sr. José Jacinto Júnior.

— Esteve entre nós, na semana finda, o nosso prezado amigo e colaborador sr. Engenheiro António Sarmento.

### ANÚNCIO

(2.ª praça)

Pela 3.ª secção da Secretaria Judicial desta comarca e no dia 19 do corrente, por 13 horas, à porta do estabelecimento da firma falida Jordão & Castro, Limitada, do Largo do Prior do Crato, desta cidade, serão postos em praça, por metade dos valores porque foram avaliados, os bens móveis, utensílios e matérias primas, que foram apreendidas àquela firma e se acham arroladas no

respectivo processo de falência, sendo administrador desta o Dr. António do Amaral.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Guimarães, 7 de Maio de 1935.

O Chefe da 3.ª secção,

Luis Cândido Lopes.

Verifiquei.

O Jutz de Direito,

Silva Leal.

### EM S. TORCATO

Grande Feira e Romaria no dia 19 de Maio

Realiza-se neste dia no grandioso e pitoresco local de S. Torcato a denominada ROMARIA PEQUENA, que, de ano para ano, vai atingindo as maiores proporções, já pela muita crença que sempre inspira o Milagroso Santo, já pelos melhoramentos que ali se admiram.

A feira de gado bovino, que tem sido importante em transacções, contribue também para a grande concorrência de forasteiros e proporciona assim um dia agradável e de completa distracção.

Aos expositores que a esta concorrerem serão conferidos os seguintes prémios:

- 150\$000, ao da junta de bois gordos de maior peso.
- 100\$000, ao da melhor junta de bois de trabalho.
- 40\$000, ao da melhor e mais bonita junta de touros sem defecho.
- 30\$000, ao da melhor vaca taurina.

### PROGRAMA

«Ao romper da manhã, a festa é anunciada com prolongadas salvas de fôgo, enquanto algumas bandas de música vão percorrer os largos que rodeiam o majestoso templo.

«As 8 horas a banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães percorrerá as ruas desta cidade, dirigindo-se em seguida à formosa estância de S. Torcato.

«Pelas 10 horas, no seu Santuário, terá principio a brilhante festa que consta de missa cantada a grande instrumental e exposição do Santíssimo Sacramento.

«Ao meio dia subirá ao ar grande número de foguetes, que anunciarão bem longe tam imponente festividade, percorrendo novamente o local as referidas filarmónicas.

### PROCISSÃO

«As 15 horas haverá um solene TE-DEUM, sermão por um dos mais talentosos oradores sagrados, saindo em seguida a majestosa procissão, levando a imagem do mártir S. TORCATO em seu andor, um côro de virgens entoando cânticos alusivos, corpo clerical e o pálio sob o qual será conduzida a Reliquia do Santo Lenho, fechando o préstito duas bandas de música. No final de tam aparatosa e luzida procissão as bandas de música, em elegantes corêtos, farão ouvir as variadas peças dos seus vastos repertórios.

### Pedantife com brilhantes

Perdeu-se, na quinta-feira, nesta cidade. Gratifica-se quem o entregar uesta redacção.

**CAMISAS**  
DINAMIC  
MAIWA DE SEDA

**DINAMIC**  
POPELINE DE SEDA

**GRAVATAS**  
EXEMPLINE  
POPELINE DE SEDA

**T A B Ú**  
POPELINE

**S H I M Y**  
CREPE SANTÉ

APRESENTA AS ÚLTIMAS NOVIDADES

**LOJA DAS CAMISAS**

**PHILCO**

PHILCO	1.250.000
R. C. A.	500.000
CROSLY	300.000
G. H. U.	300.000
COLONIAL	300.000
W. GARDNER	200.000
EMERSON	200.000
G. E.	200.000
AT. KENT	100.000
ZENITH	100.000
BOSCH	100.000
179 FABRICANTES	650.000

Para elucidação do público re-  
produzimos do grande «magazine»  
americano *FORTUNE* Fev. 1935,  
Pag. 173, os seguintes dados e grá-  
ficos, sobre a produção de Rádio-  
receptores nos Estados Unidos  
em 1934:

Produção total americana 4.200.000 aparelhos  
Vendas PHILCO 1.250.000  
**SEM COMENTÁRIOS!**  
Deixe-se de experiências

**PHILCO**  
O DOMINADOR DO MUNDO

Representante em Guimarães  
**HENRIQUE PIRES, TELEFONE 154**

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27163

## Ainda e sempre a Estrada da Corredoura

Que doença!  
Tempo frio e doentio é este que nos tem visitado e abanado, *mimosando* com a gripe as pessoas de mais fraca resistência e aquelas que, infelizmente, possuem já pouca saúde.

Ao par deste frio outro me tem batido no pensamento, originando-me insónias, incertezas e contrariedades que procuro, a todo o transe, afastar de mim.

Sou um velho já gasto, vejo-me obrigado a ter o máximo cuidado comigo, não posso ir aonde quero, lamentando-me por isso e por ver que não posso também conhecer termos da carta que o sr. Director do «Notícias de Guimarães» recebeu e não publicou acerca da construção da estrada a Rendufe, aquela que obrigou o Pipi e J. Gomes, a escrever sobre o assunto, quem sabe se, a defender-se, dos ataques que lhes faziam.

Serei também visado? E' este o frio com que luta meu pensamento.

E' possível que assim seja. Se o é, eu vou aplicar um remédio eficaz, a não poder ser mais, que creio fará sair de mim essas incertezas, insónias e contrariedades que involuntariamente nutro, o qual se limita a escrever duas linhas também.

O «Pipi» aconselha o sr. Leite a não abusar da profissão de jornalista e que deixe de ser como o *camaleão*. O J. Gomes diz que não há insultos, a não ser que às verdades se lhes chamem

insultos, o que é pôr em vista o cúmulo da ignorância, considerando-o uma *inofensiva criança*.

Enfim, pela prosa que um e outro escreveram, descobre-se que nessa carta há falta de delicadeza, educação e civismo e encerra frases de um desesperado, como — «insultou criaturas inofensivas — que pouco se importa que a estrada siga por aqui ou por acolá — que não toma defesa alguma pelos seus assinantes e anunciantes, como eu e o sr. Claro — pelo que devolvo o jornal —»

Pois bem. O remédio que lhe dou é que nunca deixe de se *abastecer de mato* dos Montes de Santa Marinha — como diz que outros se abastecem — *gênero alimentício* que evita qualquer doença mesmo a tuberculose, e cura radicalmente a doença de consciência e do cérebro que tanto o têm perturbado, fulminando-o horrivelmente até ao ponto de, num curto prazo de três dias, dar uma notícia verdadeiramente contraditória. Em «O Primeiro de Janeiro» elogiava a Guarda N. Republicana e a Polícia pelos bons serviços prestados nesta freguesia.

Passados três dias escrevia no «Diário do Minho» censurando esses serviços e para honra das duas corporações aconselhava que semelhantes factos se não repetissem.

Sabem porquê? Porque só depois de ter escrito para «O Primeiro de Janeiro» soube que estava multado por infringir a Lei e ter sido apanhado pelos mesmos que elogiou. Isto não é uma doença de consciência?

Não é ser um correspondente que só vê o seu interesse! Quem o não conhece que o compre. Se não que o diga o nosso Benfeitor, o muito Digno

Juiz da Mês da Irmandade de S. Torcato. O «Notícias de Guimarães» deve continuar com a criteriosa orientação que tomou, defendendo sempre os melhoramentos justos e desprezando as manhosices do escriba que mora na Corredoura. Já por aqui se ouvem cantar as seguintes quadras:

E' um jornalista de fama  
O que móra na Corredoura  
Defende os seus interesses  
Barre os dos outros à vassoura.

Sujo e escreve contra aqueles  
Que não lhe dão que comer  
Depois de se ver fustigado  
Trata de os engrandecer.

S. Torcato, 14-4-935.

O Torcatense.

## Do Concelho

S. Torcato, 8.

Diversas notícias

Realiza-se no próximo dia 19 do corrente mês, em S. Torcato, a chamada Romaria Pequena, que este ano vai ser revestida de muito brilhantismo.

No próximo domingo, realiza-se nesta localidade a eleição da Mesa da Irmandade de S. Torcato.

Consta-nos que à frente desta Irmandade continua como juiz, o grande benfeitor e nosso ex.º am.º sr. Alberto Pimenta Machado.

Na paroquial igreja Matriz desta freguesia, o rev.º Henrique José Gonçal-

ves Pereira, tem diariamente feito os exercícios do mês de Maria, que teem sido muito concorridos.

— Procedente da cidade do Pôrto achase na sua linda propriedade da Formiga, desta freguesia, o nosso amigo sr. Alvaro Baldaque d'Oliveira Lobo.

— Na pretérita 2.ª feira, veio de visita às suas propriedades do Gaiteiro e outras desta freguesia, o importante industrial de Guimarães sr. Alberto Pimenta Machado, digno juiz da Irmandade de S. Torcato.

Atropelamento

Na pretérita terça-feira, quando procedia das suas propriedades da freguesia de Rendufe, ao passar dum lado para o outro da estrada, à ponte de S. Lourenço de Sêlho, foi atropelada por um automóvel dos lados do Pôrto, a sr.ª D. Elisa Adelaide da Costa Peixoto, que no mesmo carro foi imediatamente conduzida ao hospital da Misericórdia de Guimarães em estado grave, sendo-lhe, ao que me informaram, feita uma melindrosa operação.

Oxalá que a desventurada senhora que é uma Santa criatura, se cure.

Ainda não vai há muitos anos que no mesmo sítio foi morto Manuel Martins, de Lobeira, por uma camiheta da Senhora do Pôrto, isto devido a ser ali a estrada muito estreita e ali estarem uns montes de cascalho, como agora estão. E' um erro das obras públicas ter montes de cascalho na estrada, podendo estes estar amontoados nas valetas.

Rampal.

Assinar o «Notícias de Guimarães», é dever de todos os vimaraneses.

## Grupo «Os Entusiastas»

Mais um grupo excursionista foi organizado em Guimarães, inspirado no antigo e célebre grupo do mesmo nome, para levar através de Portugal o nome desta terra a quem nós, vimaraneses, tanto queremos. Um grupo de *élite* formado entre a classe dos Empregados do Comércio.

Fazem parte da direcção:  
Presidente: Manuel Fernandes de Oliveira e Castro, o decano dos Empregados do Comércio de Guimarães.

Secretário: Aurélio Ferra, bem conhecido no meio vimaraneses pelo seu espírito bairrista.

Tesoureiro: Ernani Joaquim da Silva, um novo que promete.

O seu itinerário abrange as duas províncias, Douro e Extremadura, visitando as principais terras como Porto, Espinho, Aveiro, Coimbra, Figueira da Foz, Leiria, Nazaré e Alcobça, tendo por terminus a Princesa da Extremadura — Caldas da Rainha —. Visitarão também o Mosteiro da Batalha, onde as suas almas de patriotas ajoelharão perante a imponência deste monumento e o túmulo do soldado desconhecido, indo em seguida pedir a Nossa Senhora de Fátima protecção para a nossa terra — a velhinha Guimarães — que tão abandonada tem sido pelos que para ela deveriam melhor olhar.

Muitas felicidades.

## PARABÉNS

Fêz dois anos, no dia 9, a menina Izaura Fernandes da Silva que seu pai, António da Silva Júnior, abraça sinceramente

# UM GUIA SEGURO



«A honestidade comercial irradia verdade e rectidão; é como a luz dum farol, um guia seguro».

Os princípios de «HONRA, QUALIDADE E PROBIDADE» à semelhança dos raios que dimanam dum farol, indicam o rumo que todos devem seguir procurando fazer as suas compras na «Casa do Benjamim» — Casa do Beque, aonde encontram estas verdades:

## Honestidade, bons preços e variedade de artigos!

O seu antigo proprietário, Benjamim de Matos, em virtude da saída de seu sócio, Paulino de Magalhães, encontra-se na direcção da sua antiga casa e sempre pronto a atender os seus dedicados clientes e amigos e agradece reconhecido darem-lhe a preferência nas suas compras. Os seus preços são os mais reduzidos, não receando a concorrência, mesmo a mais deslial, e os seus produtos são sempre escrupulosamente apartados.

Aos domingos, ver Exposição desta casa.

Toural, 105

GUIMARÃIS

Telefone, 64

## ALFAIATARIA

DE

Jacinto José Ribeiro  
(Ribeiro, Filho)

Participa aos Ex.ºs fregueses e amigos que já recebeu grande sortido de fazendas para a estação de Verão, em padrões de alta novidade, as quais tem a preços excepcionais expostas na sua vitrine, no Largo Conselheiro João Franco.

Telefone, 177

GUIMARÃIS

## Maria da Oliveira Roriz

representante da antiga e acreditada CASA DOS LUTOS, da rua de Cedofeita, 131 — Pôrto — hoje «O Chapéu Modelo Parisiense», comunica que já recebeu a linda e completa colecção de modelos para a estação de verão, que exporá na «CASA DAS GRAVATAS».

Convida todas as suas Ex.ºs clientes a fazerem-lhe uma visita, certa de que ali encontrarão os melhores e mais modernos modelos, a preços verdadeiramente excepcionais.

Que nenhuma Senhora compre sem ver esta grande colecção, no seu próprio interesse.

Guimarães, 28 de Abril de 1935.